



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracterooanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

O SACRIFÍCIO – UMA VISÃO DAS CERIMÔNIAS NATIVAS E UM PARALELO COM A VEGETOTERAPIA CARACTEROANALÍTICA

Fabiana Farah de Souza
José Henrique Volpi

RESUMO

Sacrifício vem do latim *sacrificium*, que significa exatamente “o ato de fazer/manifestar o sagrado”. Em tempos de acesso rápido e fácil onde a aquisição de qualquer coisa, seja um bem de consumo ou um diploma universitário, precisa ser instantâneo, sacrifício virou uma prática em desuso, sinônimo de antiquado, *démodé*. Para as Cerimônias Nativas, entretanto, sacrificar-se é um termo recorrente, cuja prática traz clareza e entendimentos. E para a Vegetoterapia Caracterooanalítica também. Este artigo propõe-se a apresentar o tema do Sacrifício sob a visão das Cerimônias Nativas relacionando-o com a Vegetoterapia Caracterooanalítica.

Palavras-chave: Cerimônias nativas. Corpo. Reich. Sacrifício. Vegetoterapia.

Sacrifício vem do latim *Sacrificium*, da composição de *Sarcer*, “sagrado” e *Facere*, “fazer”, e significa exatamente “o ato de fazer/ manifestar o sagrado”. Já na língua portuguesa, na citação do Dicionário Etimológico (2016), a palavra tem o sentido de “privação, voluntária ou forçada, de um bem ou de um direito”, significado este que reduz sua interpretação proveniente do campo semântico original do vocábulo, e que se mantém apenas referente “à prática, nos ritos, de oferecer-se um bem a uma divindade, com vistas à obtenção de alguma dádiva” (2016). Este é o significado mais comumente utilizado nos dias de hoje, geralmente vindo com uma conotação negativa, onde “fazer um sacrifício” para que algo aconteça é um processo que traz algum tipo de sofrimento e dor, e prega-se, inclusive, a obtenção do que quer que seja sem que se tenha que passar por quaisquer tipos de dificuldades. O século XXI trouxe, a despeito de tantos benefícios, a ilusão crescente de que o acesso não só deve como tem que ser fácil e rápido para tudo.

Tendo como pano de fundo este cenário, sacrificar-se, ou seja, passar da esfera do profano para o sagrado, virou sinônimo de antiquado, *démodé*. Especialmente nos grandes centros urbanos, onde a tecnologia é disponível em todos os sentidos – desde ir ao supermercado e ter à mão diversas opções a toda hora, dia e noite, passando pelo fato de se abrir a torneira e ter-se água saindo, até ter acesso imediato a quaisquer informações que se



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracterooanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

busquem com um mero click – o fato de que é necessário passar por um processo para a obtenção de algo, e de que muitas vezes este processo é longo e caudaloso, pode trazer a desistência de se perseguir o que se busca. Conforto é a palavra-chave do sistema vigente, e sair desta zona de proteção não é, para a maioria, um convite a ser aceito de bom grado.

No entanto, para Campbell (1990) o sentido do sacrifício como posto na sociedade atual não é o mesmo que se tinha nos primórdios da civilização, ou mesmo em tribos indígenas ainda distantes do contato com as grandes cidades. Ele cita o exemplo dos maias, que tinham uma espécie de jogo de bola onde, ao final, o capitão do time vencedor tinha a cabeça cortada pelo capitão do time perdedor, e “ser sacrificado como vencedor da grande jogada da sua vida é a essência da primitiva ideia sacrificial” (Campbell, 1990, p.114). Em outra história, o mesmo autor conta de um relato sobre jovens indígenas do leste do Canadá no século XVII que tinham o costume de torturar seus prisioneiros até a morte. A prova era sofrer sem recuar. Um índio de outra tribo foi capturado e, ao ser levado para a dura prova, para espanto dos missionários jesuítas que ali estavam, foi para o sacrifício todo ornamentado e cantando em voz alta, e seus captores o tratavam como seus anfitriões e ele, o convidado de honra. O jovem sabia e participava de tudo estando ciente do fim que teria, mas tanto para ele quanto para os captores, aquilo representava um sacrifício ao altar: eles seriam os sacerdotes sacrificiais do jovem valente, que se portava como se estivesse indo ao próprio casamento. Sendo assim, sacrificar, mais do que renunciar, estaria ligado ao ato de re-significar, de colocar em perspectiva a fim de que se possa alcançar um outro estágio de percepção.

Este “sacrifício” vai ganhando outros contornos à medida que se aproxima de áreas rurais. Em cidades ou vilarejos remotos, por exemplo, o acesso aos bens se dá de maneiras muitas vezes consideradas precárias, estabelecendo, assim, uma relação tempo-espaço peculiar para a obtenção dos mesmos, e onde a ideia que se tem deste processo é, também, alocada nesta percepção. Isso traz para o dia-a-dia esta noção dos tempos naturais, ou seja, da própria experiência em campo com a alteridade do meio em que se vive e da natureza em si. A própria designação de sacrifício difere quando se está em contato direto com estes ritmos impostos tanto pelo meio quanto pela natureza.

No contexto das cerimônias nativas a palavra sacrifício é terminologia recorrente, e vem imbuída desta re-significação, deste olhar levantado por Campbell que retoma, de certa maneira, à visão da terminologia original vinda do latim. Deste modo, é comum neste universo referir-se às pessoas da sociedade em geral como se estivessem “adormecidas: dispondo de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracteroanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

muitos meios para se “distrair”, estariam sempre encontrando formas para não perceberem a si mesmas, inibindo a dor, ou algo que vincule a sensação de incômodo” (Oliveira, 2014, p.8). Reich se deparou com esta dormência e, como grande pesquisador que era, criou a própria escola após romper com Freud por discordar do método analítico empregado, trazendo à luz a Orgonomia, tomando como princípio básico que mente e corpo são indissolúveis e se influenciam mutuamente (Volpi e Volpi, 2003). Em “Escute, Zé-ninguém”, Reich (1998) nos pede para não procurarmos aperfeiçoar a natureza e sim, que aprendamos a compreendê-la e a protegê-la. Ao dedicar tantos anos de sua vida à pesquisa da energia orgone, ele nos incita a buscarmos nosso ritmo natural, que nada mais é do que o ritmo da própria natureza, que flui em consonância com tudo o que existe, que interage com todas as ondas energéticas postas e se permite tocar por elas. No entender desta autora, esta é a genitalidade proposta e advogada por Reich.

Contudo, para que se chegue a ela, é preciso que haja o impulso de sair da zona de conforto. É necessário que se faça um sacrifício. “(...) O grande homem foi um dia um zé-ninguém, mas desenvolveu *uma* única qualidade importante. Reconheceu a pequenez e a estreiteza dos seus atos e pensamentos.” (Reich, 1998, p.11). Sacrificar, neste sentido, quer dizer abrir mão das ideias pré-concebidas, passadas e repassadas através de gerações, onde se perpetuam couraças e repetições de padrões. Campbell (1990, p.116) afirma que “é preciso haver morte para que haja vida”, e a morte, neste contexto, representa a entrega, o abrir mão da energia condensada, da couraça, para que a fluidez, que é a vida, possa ter espaços para acontecer. Ainda que essa afirmação possa parecer óbvia, “um zé-ninguém não sabe que é pequeno e tem medo de saber” (Reich, 1998, p.11). Em outras palavras, um ser humano pode seguir uma existência inteira, por pior e mais sofrida que ela seja, com tanto pavor do desconhecido que o salto do sacrifício propõe, que sair da zona de conforto é muito mais penoso do que a vontade de sair da situação desconfortável.

As Cerimônias Nativas

As Cerimônias Nativas aqui apresentadas fazem parte de uma tradição internacional constituída nos Estados Unidos na forma de Igreja Nativa Americana, chamada Fogo Sagrado de Itzatchilatlan (FSI) (Ressel, 2013). São referidas como tradições por seus participantes, e não como religião, porque suas práticas são transmitidas de forma direta e oral, onde os participantes vivenciam in loco as cerimônias e vão, à medida que “caminham” nos desenhos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracterooanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

cerimoniais propostos, eles mesmos se tornando agentes de transmissão daqueles saberes. Existem diversas vivências e cerimônias propostas pelo FSI. Para este artigo, apresentamos a “Busca da Visão” e o “Temazcal” ou “Tenda do Suor”. A primeira consiste em “um processo cerimonial que se baseia em um recolhimento e isolamento, em silêncio e completo jejum, sem comida e sem água, por quatro dias e quatro noites num espaço junto à natureza” (Ressel, 2013, p.16), e que se estende por um período de 4 anos, ou 4 “subidas à montanha”: no primeiro ano são quatro, depois sete dias e sete noites, nove dias e noites e, por fim, treze dias e treze noites, sucessivamente, “quando se completa o círculo total da Busca de Visão da tradição do Fogo Sagrado de Itzachilatlan” (Ressel, 2013, p.16). “Subir à montanha” significa ficar em um pequeno espaço delimitado na natureza, em uma mata ciliar junto a um rio, que é chamado pelos participantes como a “montanha de visão”. O jejum é sempre total nos 4 primeiros dias, e nos anos subsequentes, os “buscadores” vão recebendo apoios de frutas, chá, água e por fim, milho e carne também. E a segunda, o “Temazcal”, é “um ritual feito numa tenda circular, baixa e escura, em que são colocadas pedras quentes num buraco central e nas quais é jogado água, produzindo uma espécie de sauna” (Oliveira, 2014, p.10), e onde os participantes entram engatinhando e permanecem sentados, muitas vezes num espaço mínimo sem possibilidades de variação de posição. A “Busca de Visão” acontece anualmente no verão em uma fazenda no município de Urubici, na Serra de São Joaquim, Santa Catarina, e os “temazcais” acontecem periodicamente em várias localidades, conforme agenda dos diversos “condutores de temazcal” que vão recebendo esta outorga após completarem a “Busca de Visão”, e que estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo.

Neste contexto, essas práticas corporais vividas pelos participantes destas cerimônias, seja a “Busca de Visão” ou o “Temazcal”, produzem o que Oliveira (2014) chama de “experiências de corpos intensivos - corpos rígidos, fluidos, gelados, doloridos, corpos vegetais, incendiados, sedentos - que se desencadeiam em alter-ações” que provocam “a reflexão sobre a vida e a morte, o prazer, a dor, com ou sem sofrimento” e determinam, por fim, novas formas de perceber o mundo. À medida em que se expõe o corpo a situações extremas advindas do jejum de alimentos, água, palavra e do contato físico (Busca da Visão) e/ou do calor das pedras ou de horas sentado na mesma posição (Temazcal), este é incitado a uma experimentação sensorial intensa que faz com que o mesmo se flexibilize, ou seja, que “estique os elásticos’ dos supostos limites corporais” (Oliveira, 2014, p.11). A privação, ou o sacrifício, posto assim, tira o sujeito de sua zona de conforto e da repetição mecânica de atos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracterooanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

ou desejos. Quando o “buscador” está na montanha, por exemplo, ele se vê lidando com o fato do corpo sentir sede e de não poder beber um copo d’água. Da mesma forma, dentro de uma “tenda do suor”, o participante é instado a permanecer num ambiente totalmente escuro e quente, que é chamado dentro da tradição de “útero da Mãe Terra”, por remeter precisamente a um útero materno, e desta maneira “renascer” a partir deste ventre, seja a partir da dor ou do prazer. Em ambas as situações a experiência produz “sensações intensivas que geram mudanças de ponto de vista e revisão de valores, em que se enfatiza que nesses momentos de limite – “ao ir esticando o elástico” –”(Oliveira, 2014) passa-se a desconsiderar valores que antes eram importantes e abrem-se espaços para a possibilidade de se descobrir como sendo parte intrínseca da natureza. Desta forma, a dor e o sofrimento retomam novamente a definição semântica do termo “sacrificium”, tornando o “profano”, “sagrado”. Em outras palavras, a dor passa a não ser vista como tão doída, e sim como portal de entendimentos para o próprio corpo/ mente/ emoções.

Cerimônias Nativas e a Vegetoterapia Caracterooanalítica

Do ponto de vista nativo, as cerimônias e vivências são uma técnica corporal que propõe uma alteridade radical entre Natureza X Cultura, “colocando em cheque todo o sistema simbólico constituído culturalmente pela pessoa, para a averiguação direta (verificável) da Natureza e da real natureza do ser humano, vista como o “eu natural”, “eu real”.”(Ressel, 2013, p.181). Ao desenvolver a Análise do Caráter, Reich tinha como objetivo “analisar e isolar as atitudes de uma pessoa, de forma que estas sejam colocadas de lado, permitindo assim, um amadurecimento caracterial, restaurando no paciente a sua motilidade sexual e sensibilidade biológica.” (Volpi e Volpi, 2003, p.8). A propostas das cerimônias nativas e a de Reich coincidem: fazer com que o sujeito/ paciente perceba, através do seu próprio corpo, o que pertence ao espectro de significações transmitidas e o que pertence à sua natureza real, ao fluxo energético da energia orgone que, quando liberada, transita livremente por seu ser, fazendo com que o mesmo se sinta apropriado de si, com que seu “eu natural”, que é o “eu” com as couraças flexibilizadas, possa vir à tona.

Partindo deste pressuposto, a Vegetoterapia Caracterooanalítica vem ao encontro deste anseio pela vida, à medida que tem relação direta com o sistema nervoso e os processos emocionais (Volpi e Volpi, 2003). Navarro (2003) afirma que na “Vegetoterapia a metodologia propõe a eliminação das contrações musculares, das couraças dos sete níveis”, e completa



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracterooanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

dizendo que são usadas diversas técnicas atuando sobre o sistema neurovegetativo, sendo, portanto, uma terapia energética (Navarro, 1996). Desta maneira, ao se trabalhar o desencouraçamento de cada um dos sete segmentos (ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico), o corpo é convidado a fazer um sacrifício, posto que para que a flexibilização possa ocorrer, muitas vezes os actings desencadeiam catarses que podem parecer, num primeiro momento, como grande sofrimento, mas que ao fim, assim como nas cerimônias descritas, trazem clareza, entendimento e libertação. Os corpos na Vegetoterapia também passam pela “experiência de corpos intensivos” citados por Oliveira (2014), uma vez que o desencouraçamento, à medida que vai liberando o fluxo da energia orgone, pode provocar diversas reações, tais como calor, frio, choro, tristeza, medo, sensação de levitar, sensação de unidade corporal, para citar alguns (Navarro, 1996), que por consequência, podem se desencadear nas mesmas “alter-ações” que provocam “a reflexão sobre a vida e a morte, o prazer, a dor, com ou sem sofrimento” (Oliveira, 2014, p.16) determinando, mais uma vez, uma re-significação, um salto de perspectiva, uma nova visão de si mesmo e de mundo.

Tanto passar pelo desencouraçamento da Vegetoterapia Caracterooanalítica quanto passar pela “Busca de Visão” ou pelo “Temazcal” é um sacrifício. É dar um salto no escuro e aceitar o convite de não saber o que vai acontecer, de abrir mão do controle. No entanto, como disse Campbell (1990, p.116), “é preciso haver morte para que haja vida”, e para que a vida, que é a própria energia orgone, possa ser de fato sentida, o requisito é que se faça a entrega. Tirando o sujeito/paciente da zona de conforto, as duas abordagens propõem que se experimente todas as possibilidades do corpo, que sacrifícios sejam feitos no sentido de permitir que as couraças sejam flexibilizadas e que se adquira cada vez mais consciência dos processos de retrocesso aos quais o corpo, viciado na dor, insiste em voltar, para que se possa usufruir da real liberdade que a genitalidade ancora, que nada mais é do que a energia da vida, a energia orgone, fluindo pelos corpos e experimentando sem apegos o que quer que se apresente. Volpi e Volpi (2003) falam sobre os experimentos de Reich com a energia orgone, afirmando que estes mostraram que a própria energia se move através da experimentação das sensações, sem que ocorra movimento muscular algum. Quer dizer, a energia se move sem que precisemos das histórias encouraçadas para vivenciá-las. Abrir mão do sofrimento faz parte deste sacrifício. Ou, como diz Reich (1998, p.47), “A felicidade quer que se trabalhe para alcançá-la e quer ser conquistada.” Em outras palavras, só o “sacrificium” pode tornar sagrada a experiência da vida.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SOUZA, Fabiana Farah. O sacrifício – uma visão das cerimônias nativas e um paralelo com a vegetoterapia caracterooanalítica. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 384-390. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível em:

<<http://www.dicionarioetimologico.com.br/sacrificio/>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

NAVARRO, Federico. **Metodologia da Vegetoterapia Caractero-analítica**. São Paulo: Summus, 1996

NAVARRO, Federico. **A utilização dos actings da Vegetoterapia Caracteroanalítica contrapondo-se às psicoterapias puramente verbais**. Em Psicologia Corporal / Organização J. H. Volpi e S.M. Volpi. Curitiba: Centro Reichiano, 2003

OLIVEIRA, Aline Ferreira. **Agência das medicinas, agência dos sujeitos**: produzindo corpos intensivos e alter-ações no Fogo Sagrado. *Ponto Urbe* posto online no dia 31/07/2014, acesso em 12/03/2016. URL: <http://pontourbe.revues.org/1491> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1491

REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**: Problemas Econômico-Sexuais da Energia Biológica. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977

REICH, Wilhelm. **Escute, Zé-ninguém**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

RESSEL, Henrique da Costa. **Cerimônias nativas**: tradição e inovação no Fogo Sagrado de Itzachilatlan. Dissertação de mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, 2013.

VOLPI, José Henrique; Volpi, Sandra Mara. **Reich**: da vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003

AUTORA e APRESENTADORA

Fabiana Farah de Souza (Babi Farah) / Curitiba / PR / Brasil

Terapeuta Florais da Amazônia e Florais Iapuna, Terapeuta de Curas Nativas Ameríndias e Cantos Xamânicos, criadora da Ciranda das Curandeiras e do curso de formação de condutoras de círculos de cura Florescer da Curandeira, cantora, palestrante, graduada em Jornalismo pela PUC-PR e em Letras-Inglês pela UNISEB-SP, pós-graduanda em Psicologia Corporal pelo Centro Reichiano - Curitiba/PR.

E-mail: babikiliamfarah@gmail.com, cirandadascurandeiras@gmail.com

ORIENTADOR

José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br